



MULHERES E NAZISMO NO PARANÁ: AFETIVIDADE POLÍTICA OU OBEDIÊNCIA PATRIÓTICA?

Doi: 10.4025/8cih.pphuem.4221

Bruna Gomes Romano, UNESPAR
Márcio José Pereira, UNESPAR

Resumo

Muito pouco se estudou sobre a situação das mulheres que contribuíram com o regime nazista, principalmente sobre aquelas que foram perseguidas fora da Alemanha por serem consideradas subversivas ou elementos dissonantes da política nacionalista praticada em países como o Brasil no período do Estado Novo varguista. O presente artigo tem como objetivo debater a situação das mulheres de origem germânica no Paraná durante a Segunda Guerra Mundial. No primeiro momento desejamos apresentar um panorama historiográfico que desmistifica a suposta ausência feminina sob o comando de Hitler e seus imediatos, bem como, apresentar situações operacionais onde as mulheres foram fundamentais durante o regime nazista. No segundo momento, aprofundar o debate sobre o silenciamento, o esquecimento e a memória seletiva atribuída às mulheres de origem germânica que foram detidas pela polícia política brasileira durante a adesão do Brasil ao lado dos Aliados na Segunda Guerra Mundial. Para tal fim, nos valeremos dos debates atuais dos estudos de gênero buscando dar visibilidade para a mulher como protagonista da história, não como coadjuvante de um marido partidário ou elemento masculino vinculado ao NSDAP. Utilizaremos a documentação do Fundo DOPS/PR, do Arquivo Público do Paraná, especificamente as pastas individuais de mulheres de origem germânica para indagar quais motivações conduziram essas mulheres a uma aproximação ao Partido Nazista? Qual o elemento mais relevante? O carisma das lideranças partidárias ou a obediência patriótica, naturalmente atribuída ao povo de origem alemã?

Palavras Chave:

Mulheres; nazismo;
Paraná; afetividade;
obediência.

Mulheres alemãs no contexto da Segunda Guerra Mundial

A geração que fundou as bases do regime nazista, por mais surpreendente que possa parecer, foi alicerçada por um público jovem. Alemãs de 15, 18, 25, 28 anos de idade desempenhavam funções essenciais para que toda a engrenagem genocida funcionasse de forma impecável. Regimes como estes alimentavam-se da energia e idealismo dos jovens, e nesta condição, geralmente se encontram as mulheres. Não na direção do movimento, mas ativas na “operação da máquina” como um todo. Mulheres, concebidas no seio da guerra e no início de uma nova era.

Num contexto social amplo, a mulher sempre fora relegada a condição de inferioridade, ocupando funções subalternas e esquecidas no limbo historiográfico. Com a Primeira Guerra Mundial, conheceu-se uma nova realidade conflituosa jamais vista em tempos anteriores, ao qual a mulher tivera de se adaptar, sendo obrigadas a desempenhar os papéis dos maridos nas fábricas, transportes, escritórios do governo, já que os mesmos agora tinham de servir à pátria nas frentes de batalha. Tendo pouca experiência política, muitas se contentavam em apenas gerir as atividades enquanto seus pares não voltassem do conflito.

Entretanto, após a derrota alemã, houve uma explosão de movimentos desordenados, grupos e partidos inflados por um sentimentalismo fora do comum. O mundo patriarcal de 1918 ruiu, e neste cenário, tudo parecia politicamente possível, elevando o ego do “povo alemão” de forma extremamente orgulhosa, sendo capaz de evocar uma visão romantizada de um passado de ordem e paz, em meio ao pós-guerra de uma Alemanha derrotada. Ou seja, uma união de sangue e de solo entre a nação, buscando um líder que irá restaurar a Alemanha gloriosa de outrora por meio de uma organização e reestruturação política.

Provavelmente, o envolvimento feminino nos partidos de direita, eram mínimos se comparados com o masculino. Os homens não estavam dispostos a dar espaço ao poder e aos interesses das mulheres, suas questões geralmente eram vistas como prioridades secundárias em relação à nação. O próprio Partido Nazista não era uma opção tão atraente para as mulheres inicialmente, afinal não aceitava filiações, nem candidaturas femininas. Entretanto, ainda que de forma menor, filiavam-se a alas mais conservadoras e menos “revolucionárias” caminhando, ainda que a passos lentos, para uma participação mais ativa no nazismo.

O artigo tem por objetivo principal dar continuidade a história destas muitas mulheres, buscando reconstruir a trama historiográfica com a sua presença, com sua história, com sua contribuição, englobando a relação da mulher com a História. Ressaltamos que ainda é um pequeno passo, mas que é extremamente necessário em um mundo que deixa a mulher relegada ao “segundo papel”, este é o momento de dar voz e saber escutá-las.

Um relato de uma ativista pioneira do período, encontrada na obra de Wendy Lower, onde relatou o desempenho feminino nos primeiros embates e eleições, rumando à um despertar político das mulheres para o movimento nazista:

As mulheres não podiam deixar de se envolver naquela luta, porque envolvia o futuro delas também, e o futuro dos seus filhos... Então escutamos o discurso do primeiro orador nacional-socialista [nazista]. Ouvimos. Fomos a outras reuniões. Escutamos o Führer. Os homens ficavam nas primeiras fileiras. As mulheres cumpriam seus deveres em silêncio. Mães passavam noites esperando ansiosamente o barulho de passos chegando. Mulheres espreitavam pelas ruas escuras de Berlim, à procura do marido ou do filho que estava arriscando a vida e

o sangue na luta contra a sub-humanidade. Dobravam panfletos para os homens da SA [tropa de choque] deixarem nas caixas de correio. Passavam horas e horas valiosas nas salas e cozinhas da SA. Havia sempre coleta de dinheiro. A nova fé passava de boca em boca. Nenhum caminho era longo demais, nenhum serviço para o partido era pequeno demais (LOWER, 2014, p. 22)

Embora as mulheres fossem ativas nos movimentos partidários nazistas, Hitler não fora eleito democraticamente como já se sabe, portanto, não podemos atribuir a culpa às mulheres. Assim que sobe ao poder, ele explora todas as oportunidades e brechas para tornar possível uma Alemanha ditatorial, de partido único e extremamente antisemita. E aqui, as mulheres aparecem em lados opostos: cerca de oito mil mulheres de diversos partidos (comunistas, socialistas, pacifistas e “associais”) foram perseguidas, presas, mortas ou torturadas; em contrapartida, cerca de 35 mil mulheres foram recrutadas para guardar os campos de concentração, por exemplo. A grande maioria que permanecia no regime nazista por meio de organizações filiadas ao partido, via naquela situação de extermínio em massa lugares para encontrar emprego e oportunidade, e não com o horror que o Holocausto nos acomete atualmente.

Fora dos campos de concentração de conflito, e que agora podemos trazer como exemplo as mulheres no Paraná, também havia uma perseguição, tanto dos órgãos punitivos, quanto das próprias mulheres. Uma ditadura que não requeria grandes critérios de investigação: qualquer uma podia ser denunciada como subversiva, marginal e causadora de desordem, ao menor sinal de inconformidade com o regime. No caso do Paraná, a DOPS apreendia tais sujeitos, não só homens, como mulheres também, o que de fato suscitou uma investigação de nossa parte, resultando neste artigo, ainda

que seja uma pesquisa pequena e tão recente.

A mulher germânica no Paraná: da perseguição à participação

Como dito anteriormente, a perseguição na Alemanha era direcionada a sujeitos que, geralmente, ou não eram considerados alemães puros, como os judeus; ou não compactuavam com o regime, no caso das mulheres citadas acima, filiadas a partidos de oposição. Já em território brasileiro, como é o caso que estudamos aqui, a perseguição é direcionada a possíveis sujeitos considerados subversivos, que apoiassem o regime considerados agressivos a segurança nacional.

Salvo em momentos de extrema confusão da polícia política brasileira, que mal aparelhada e com agentes cuja instrução não permitia que diferenciasses um alemão que professasse o judaísmo de outro que era ex-integrante do Partido Nazista, ou ainda, que por baixa capacidade e pouca compreensão idiomática, prendiam poloneses e ucranianos, suíços e russos, por acreditarem que estes falavam publicamente alemão, as categorias perseguidas por Hitler e seus asseclas na Alemanha não eram as mesmas perseguidas no Brasil.

No Paraná essas mulheres de origem germânica passam a ter um papel diferente do que possuíam dentro do sistema patriarcal alemão, passam a não só cuidarem da casa, mas atuarem no comércio, em funções administrativas e em cargos que outrora pertenciam exclusivamente ao universo masculino, quando imigraram não só mudaram de continente, mas alteraram as relações sociais tal qual eram estabelecidas:

Essa dinâmica, longe de apenas modificar as relações de consumo, permite-nos pensar as mudanças no comportamento sexual, na regulação das taxas de natalidade e

na própria configuração das famílias. Naquele contexto, um ou dois filhos eram mais que suficientes; a mulher ganhava uma projeção diferente e a figura do *pater familias* vai perdendo força. (grifo nosso) (PEREIRA, 2017, p. 53)

O Brasil ao declarar guerra ao Eixo, reforçava a lógica de suspeição acerca do sujeito alemão, italiano e japonês (principais potências do Eixo), não era mais interessante ter mão de obra estrangeira advinda destes países, principalmente em cargos importantes e estratégicos. Leis federais e estaduais para a contenção desses elementos no seio da sociedade brasileira foram duramente impetradas, tornando os alemães, que outrora foram ressaltados por sua alta disciplina e capacidade laboral, os principais suspeitos de perturbar a ordem em um país cujo lema era eivado de nacionalismo patriótico e obediência ao líder da nação Getúlio Vargas.

De acordo com o historiador Rafael Athaides, o Partido Nazista se instalou no Paraná de maneira relevante, porém, tal qual na Alemanha, as mulheres não podiam se filiar, salvo participar de braços dos partidos próprios a participação feminina:

O partido contava também com organizações paralelas a ele conectadas, as quais possuíam correspondentes na Alemanha: Deutschebrasilianisch Jungendring (Círculo da Juventude Teuto Brasileira), Deutsch Arbeitsfront (DAF - Frente Alemã do Trabalho) e Nationalsocialistische Frauenschaft (Associação das Mulheres Nacional Socialistas). De modo genérico, essas instituições cumpriam as mesmas funções exercidas na Alemanha. A título de exemplo, a DAF, órgão de implantação do corporativismo nazista, mediava relações de trabalho nas fábricas alemãs, propunha atividades de lazer e recolhia donativos. No total, o partido reuniu em suas fileiras o

número de 2.900 filiados, na década de 1930. (ATHAIDES, 2011, p. 40-41)

O principal órgão responsável por vigiar, investigar e reprimir qualquer pessoa que pudesse ser considerada subversiva em território paranaense, era a DOPS/PR. Os arquivos deste órgão, que utilizamos como fonte para alicerçar nosso trabalho, encontrados atualmente no Arquivo Público do Paraná, são majoritariamente compostos por homens: políticos, empresários, de grande influência social, dentre outras categorias. Claramente, eram os alvos principais, capazes de despertar desconfiança e uma vigia maior por parte do governo. A mulher até então, não despertava a mesma desconfiança que a figura masculina representava para a polícia política, sendo relegada muitas vezes ao papel de coadjuvante, de menor importância e menos suspeito.

Athaides menciona em sua pesquisa que a DOPS/PR, não tendo conhecimento suficiente sobre a divisão dos braços partidários do NSDAP (Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei), que nas poucas referências encontradas na documentação mantida pela polícia política, chegam a se referir a Associação das Mulheres Nacional Socialistas, entidade cuja finalidade era dar amparo às mulheres em dificuldades materiais, como 'Partido Nazista Feminino' (2011, p. 100).

Se seguíssemos a máxima de Michelle Perrot, que as mulheres desde os séculos XVII e XVIII, perturbam a ordem com mais frequência. (2015, p. 26), arriscaríamos alegar que para os agentes do DOPS/PR as mulheres não eram alvos específicos ou muito visados, poucas mulheres imigrantes foram taxadas de subversivas. Tendo em vista essa informação, e fazendo a triagem das pastas no Arquivo, verificamos a diminuta presença feminina em meio a uma enormidade de documentos administrativos majoritariamente

direcionados ao masculino.

As mulheres neste caso acabavam por serem silenciadas, pouco se sabe das mesmas, e a pouca documentação é clara quanto à pressão vivida por elas em seu cotidiano. Quem eram estas mulheres encontradas nas pastas? Qual era seu papel naquela sociedade? Porque foram perseguidas? Esse “silenciamento”, essa “invisibilidade” como Perrot coloca, é um processo desejado pela DOPS, ou é consequência da condição social vivida pelas mulheres do período?

Uma mulher engenhosa: como Genny Klein tentou enganar a DOPS/PR por ocasião da prisão do marido?

Para ilustrarmos esse protagonismo feminino que é tornado invisível pela literatura policial, utilizaremos o exemplo da brasileira Genny [cujo sobrenome não podemos asseverar, haja vista que, nenhum documento da DOPS/PR enfatiza seu nome de solteira, como se a mesma só passasse a existir após contrair matrimônio], que passara toda a infância na Alemanha, retornando ao Brasil apenas em 1920, por ocasião de casar-se com outro brasileiro, também criado na Alemanha, Henrich Andreas Klein.

Em 28 de outubro de 1942, juntamente com o marido, Geny Klein foi detida pelos agentes do DOPS/PR e por quase dois meses foi mantida sob custódia da polícia política, sendo liberada em 22 de dezembro do mesmo ano. Sua liberdade se deu através de uma ordem da Secretária de Interior, Justiça e Segurança Pública e foi minimamente informada na Folha de Anotações e Antecedentes do marido, uma vez que, de sua detenção encontramos poucos informes, inclusive não encontramos uma pasta individual aberta em seu nome.

Embora Genny tenha papel relevante na detenção do marido, a mesma foi ouvida e considerada entusiasta do nazismo, mas não mereceu da DOPS/PR um prontuário próprio, infelizmente a documentação não nos permite alegar que se tratava de uma prática machista por parte dos integrantes da polícia, ou se as ‘provas’ que a mantiveram detida por dois meses não eram suficientes para a abertura de um inquérito próprio.

A certeza que Genny possuía que o marido seria preso, levou-a a produzir o que seria considerado um conjunto de provas para garantir sua passagem na Casa de Detenção, no caso, algumas frases em alemão aparentemente desconexas, que após investigação e o depoimento de Klein, passaram a fazer sentido:

[...] de uma fórmula imaginada por Genny Klein, segundo a qual seu marido, caso viesse a ser preso, seria posto ao par dos acontecimentos ou operações militares que se desenvolvessem em diferentes teatros da luta, todas elas referentes, porém, a êxitos ou resultados que viessem a ser eventualmente obtidos pelas forças dos países do eixo. [...] o indiciado e sua mulher, procuravam sintonizar, diariamente, as emissoras da Europa, especialmente a de Berlim, cujas transmissões e noticiosos de guerra eram por eles avidamente ouvidos.¹

Sobre o código de informações criadas por Genny Klein, a DOPS/PR traduziu as expressões utilizadas por ela em alemão e equivalentes em português, juntando o real significado que a palavra utilizada revelaria ao marido detido, organizamos uma breve tabela com as principais expressões:

¹ Relatório da Delegacia de Ordem Política e Social sobre as detenções de Heinrich e Genny

Klein. 04 de novembro de 1943 - DOPS/PR, Pront. 1538, Top. 360, fls. 17 - 19, DEAP/PR.

Tabela 1: Lista de expressões criadas por Genny Klein para informar Heinrich Klein sobre os acontecimentos durante seu tempo de detenção.²

Expressão em português	Equivalente em alemão	Real significado
Os meus dentes ainda não estão em ordem	Hunger	Estou passando mal
Sapatos rasgados	Arbeiten	Trabalhar
O arroio encheu muito	Grosser uboterfolg	Grande vitória dos submarinos
Gasolina ou lancha	Grosser seeschlacht	Grande batalha naval
Iguassú	Atlantisch ozean	No oceano atlântico
A macieira	Russen kapituliert	Rússia capitulou
A primavera não brota mais	England angriff	A Inglaterra foi atacada
Primavera morreu completamente	Englands kaputt	A Inglaterra foi completamente derrotada
Uma vaca deu gêmeos	Grosser sieg	Grande vitória

Essas combinações só foram possíveis após o testemunho prestado por Klein:

[...] que receando ser preso de momento para outro, dada a sua simpatia pela causa da Alemanha e a possível descoberta de seus sentimentos, imaginou passar uma procuração a sua mulher para cuidar de todos os interesses do casal, inclusive a venda de bens imóveis, [...] que de igual modo convencionou uma formula de lhe serem transmitidas as notícias de guerra, tendo ela organizado para tal fim uma serie de expressões a atribuído a cada uma dela um significado, que no caso, se relacionaria com possíveis

resultados militares que viessem a ser obtidos pela Alemanha, isto de tudo no caso de ser ele preso conforme já vinha esperando.³

O marido, por sua vez, prontuariado, não teve a mesma sorte e permaneceu detido até 19 de maio de 1943. Ao completar sete meses de prisão, foi colocado em liberdade por ordem do Interventor Federal, ordem que fora executada pela DOPS/PR, mas contestada pelo delegado, que considerava um equívoco a liberação de tão potencial suspeito.

Ainda, após o processo de soltura, Genny e Heinrich Klein foram processados pela DOPS/PR em virtude de serem “simpatizantes e fervorosos partidários da causa dos países totalitários”, entretanto o Tribunal de Segurança Nacional - de acordo provavelmente com o que tem decidido em casos semelhantes, que não se pune a ideologia e sim a ação contrária aos interesses nacionais - denunciou Heinrich Klein apenas como incurso no inciso 18 do artigo 3 do Decreto Lei 431, de 18 de maio de 1938, que penitencia aqueles que possuem arma sem licença da autoridade competente, uma vez que foram recolhidas em sua residência, sem registro, um fuzil modelo Mauser, uma pistola automática calibre 765 e boa quantidade de munição, no caso 10 cartuchos para espingarda, 30 projeteis de pistola e 15 balas de fuzil.

No dia 04 de novembro de 1943, o TSN o condenou a três anos de prisão, pela detenção ilegal dessas armas. Em 29 do mesmo mês ele se apresentou na penitenciária do Estado para cumprir a pena que lhe foi imposta. Não a cumprindo em sua totalidade, uma vez que, foi posto em liberdade em 26 de julho de 1945, em virtude do Decreto Lei 7474

² DOPS/PR, Pront. 1538, Top. 360, fl. 35, DEAP/PR.

³ Auto de declarações prestadas por Heinrich Andreas Klein – 18 de outubro de 1942 - DOPS/PR, Pront. 1538, Top. 360, fls. 36 - 40, DEAP/PR.

de 18 de abril de 1945, que concedeu anistia a crimes políticos cometidos entre 16 de julho de 1934 até a data de sua homologação.

Ao final, mais dúvidas que conclusões

Para Wendy Lower, embora as organizações de mulheres geralmente diziam ser apolíticas, lutando apenas pela asserção de valores da família, muitas delas estavam preocupadas com os valores nacionais da defesa do ‘ser alemão’ (2014, 20). A autora entende – e nos corrobora com essa ideia – que não há total inocência na participação feminina nas questões do nazismo, muitas delas davam apoio integral aos parceiros e buscavam a oportunidade que o próprio regime permitia de atuação e a ascensão feminina nos espaços do partido.

Não podemos asseverar que esse ardor patriótico e a obediência ao líder do partido demonstrado por essas mulheres alemãs tenham cruzado o Atlântico e influenciado mulheres como Genny Klein e outras que a DOPS/PR não menciona, ou que o faz sob a sombra dos homens que considera subversivos e dignos de infringir as leis de segurança nacional, porém, trazer à tona essas trajetórias de vida – mesmo que difusas ou desfocadas pela incompletude das fontes – possibilita conferir a história uma diversidade de gênero que não está somente preocupada em dar foco a história das mulheres, mas entender que as mesmas possuem protagonismo tanto para a candura, quanto para o caos.

Buscamos, por fim, dar voz e espaço a essas mulheres de origem germânica, para que consigamos reconstruir a trama sem um viés machista tradicional tão enraizado na historiografia. Trata-se não somente de inserir as mulheres na história, mas sim entender como suas práticas e vivências influenciaram também o curso do tempo. Busca-se os vestígios femininos em ambientes que outrora lhes era impossibilitado adentrar, somos instigados a romper com esse silêncio, dar ênfase a presença feminina, ainda que se apresente de forma diminuta, já que como enfatizamos, a história da mulher é “frequentemente apagada, seus vestígios desfeitos, seus arquivos destruídos. Há um déficit, uma falta de vestígios.” (PERROT, 2015, p. 21).

Referências

- ATHAIDES, Rafael. **O Partido Nazista no Paraná 1933-1942**. Maringá: EDUEM, 2011.
- FUNDO DOPS/PR. Prontuário de Henrich Andreas Klein, **DEAP/PR**, Pront. 1538, Top. 360.
- LOWER, Wendy. **As mulheres do nazismo**. Tradução Angela Lobo. Rio de Janeiro: Rocco, 2014.
- PEREIRA, Márcio José. **Sentimentos, ressentimentos e violência: a ação da polícia política no Paraná em relação aos indivíduos de origem germânica (1942 – 1945)**. 2017. 283 f. Tese (Doutorado) - Curso de História, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2017. Disponível em: <<http://www.humanas.ufpr.br/portal/historiapos/files/2017/02/Marcio.pdf>>. Acesso em: 30 set. 2017.
- PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2015.